



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Após o recuo das enchentes, instituições do Estado, como o Margs, formam planos e reúnem equipes para recuperar peças artísticas e itens de memória

## A força-tarefa para salvar acervos e arquivos das águas

**Priscila Pasko**, especial para o JC

Durante o mês de maio, uma série de imagens revelou ao Brasil e ao mundo um cenário de devastação e ruína. As enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul abasteceram, a contragosto, um repertório impensável de cenas. No entanto, enquanto esta reportagem é lida, outras imagens atenuantes estão sendo criadas, ainda que, ambigualmente, tragam em si a marca de um trajeto enlameado.

Em diversos lugares do Estado, milhares de documentos, vinis, livros, desenhos, fotografias, peças artísticas e uma infinidade de materiais encharcados estão secando em um varal, entre

folhas de guardanapo ou sobre o chão e alguns móveis. Eles estão sendo higienizados, contabilizados, recuperados.

No município de Igrejinha, por exemplo, assim que foi possível transitar pelas ruas, um grupo de voluntárias saiu em busca do acervo do Museu Municipal Professor Gustavo Adolfo Koetz. “A parede do arquivo histórico municipal foi levada e não sobrou nada”, relata a museóloga Daniela Schmitt, que também contou com o trabalho da historiadora Alice Braunn e da estudante de História Eduarda Farias da Silva, entre outras profissionais. Alguns itens foram encontrados nas redondezas do terreno do museu, na beira do rio e no pátio de casas. “A gente

acredita ter encontrado, talvez, 1% do acervo.”

As primeiras semanas foram de dedicação exclusiva às ações emergenciais, da manhã à noite. Agora, o material está sendo organizado e documentado. A museóloga disse ter contado com o apoio e suporte da prefeitura e do Sistema Estadual de Museus (SEM/RS), que está realizando uma série de visitas para verificar a realidade das instituições impactadas e realizar ações de apoio. De qualquer maneira, avalia a situação como crítica. Daniela defende a importância do patrimônio histórico e cultural. “A gente precisa saber de onde vem, para conseguir olhar para onde vai. O que vai ser das crianças? O

que vai ser da nossa cidade sem esses espaços culturais que são tão importantes para percebermos a sociedade, a sua memória e a sua identidade?”

Apesar da perícia dos profissionais, em muitos municípios o trabalho de voluntários se dá em condições improvisadas: acervo comprometido, coberto de lama, fungos, cheiro de mofo. “É um trabalho que exige muito, mentalmente e fisicamente. A gente precisa pensar nas medidas de prevenção para não se contaminar”, observa Daniela, que teve, junto à equipe, equipamento de proteção, como máscara, luva, óculos e galocha à disposição.

**Leia mais na página central**

## Um resgate de identidade

Dias antes das águas do Guaíba alcançarem a Praça da Alfândega, em Porto Alegre, no dia 3 de maio, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) já havia implementado um protocolo de segurança. A equipe organizou uma força-tarefa, realocando parte do acervo e documentos para os andares superiores do prédio. Entretanto, como comunicou a direção da instituição, as águas acabaram invadindo o térreo do museu, onde está localizada a operação administrativa, os equipamentos e a estrutura de funcionamento do prédio. Além disso, documentos administrativos, gravuras, fotografias e desenhos não conseguiram escapar.

Por isso, está em andamento um plano de recuperação de danos. Fazem parte dele professores e alunos do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e integrantes da Associação para a Preservação do Patrimônio das Américas. Também participam servidores da Sedac – com parte da equipe de diferentes setores do Margs, do Museu de Arte Contemporânea do RS (Margs), servidores do Palácio Piratini e voluntários.

A conservadora-restauradora do Departamento de Conservação e Memória do Patrimônio Cultural do Complexo do Piratini e coordenadora do plano de recuperação do Estado, Isis Fófano Gama, explica que apenas ao final do processo de sistematização dos registros das obras será possível fazer um levantamento de quantas estão sendo recuperadas. Após essa etapa, serão feitos os laudos técnicos do estado de conservação. Em seguida, as obras vão para a restauração.

Para Isis, as enchentes e as suas consequências para profissionais da Museologia, Arquivologia e Restauro serão marcantes. “A atuação destes profissionais atende não somente as demandas mais comuns da conservação e restauração e museologia, mas, também, a elaboração de planos museológicos e de gestão de risco, por exemplo, que muitas vezes não são consideradas prioridade”.